



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

CRÔNICAS DE MEMÓRIAS: A HISTÓRIA DA CIDADE DE NATAL NAS CRÔNICAS DE
AUGUSTO SEVERO NETO

Natália Melchuna Madruga (Universidade Federal do Rio Grande do No) - natalia.mmadruga@gmail.com
Formada em arquitetura e urbanismo pela UFRN. Mestranda do programa de pós graduação em arquitetura e urbanismo da UFRN.

Crônicas de memórias: A história da cidade de Natal nas crônicas de Augusto Severo Neto

INTRODUÇÃO

Esse artigo é um originado das pesquisas e reflexões feitas durante o desenvolvimento da dissertação chamada de “Natal em Prosa: As representações da cidade e da sociedade de Natal do século XX na literatura natalense”, do mestrado do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E tem como objetivo refletir, através da obra de Augusto Severo Neto, sobre como as memórias da cidade narradas em crônicas podem ser fonte de pesquisa para história urbana.

Crônica é um gênero literário curto, em forma de prosa, e que foi muito difundida nas colunas dos jornais, por contar história do cotidiano de forma leve e muitas vezes cômica. Já que o cotidiano é um elemento central desse gênero, as cidades aparecem como peça fundamental nas narrativas, sendo assim as crônicas se apresentam como uma fonte de acesso à história da cidade e da sociedade de uma determinada época.

As crônicas se configuram como uma fonte não convencional para a historiografia urbana. Estudar a cidade e a sociedade através da literatura nos permite uma versão mais humanizada do passado, já que as narrativas trazem a vivência, a sensibilidade e a reflexão dos autores, em comparação com a utilização de documentos históricos, e planos urbanísticos que são consideradas fontes oficiais e feitos com a prevalência da técnica e da razão.

É natural que a cidade apareça em um lugar fundamental das obras literárias, já que como diz Ítalo Calvino “[...] admitirmos que o trabalho do escritor pode ser influenciado pelo ambiente em que se dá, pelos elementos do cenário seu ao redor” (CALVINO, 2006, P. 08), e também deve-se considerar que é no espaço urbano onde estão as aglomerações, onde ocorre as trocas sociais, financeiras e o desenvolvimento cultural. Então, como a literatura é o produto disso juntamente com as vivências e reflexões do autor, a cidade muitas vezes aparece como importante parte da narrativa.

A utilização de fontes não tradicionais em pesquisas sobre a cidade é a abordagem da história cultural urbana, o arquiteto e historiador urbano Adrián Gorelik (2009) diz que essa perspectiva se abre a todas as disciplinas que tenham algo a dizer sobre a cidade, como a literatura, a política, a sociologia etc., o que cria mais possibilidade de estudo para um aprofundamento em um assunto tão complexo.

Nessa abordagem os registros são chamados de representação, consideradas a principal ferramenta da história cultural. A historiadora Sandra Pesavento (2012) explica que essas simbolizam a forma que indivíduos e grupos dão sentido ao mundo e a sua realidade e possuem esse nome pois são construídas a partir do real, elas são um reflexo, desse modo, ao trabalhar com elas deve-se considerar que as mesmas não tem compromisso com a veracidade das situações apresentadas.

As crônicas, que serão consultadas nesse estudo, são uma forma de representação. Elas são feitas das memórias do autor, sobre a sua juventude na cidade de Natal dos anos 20, 30 e 40 desse modo mostrando que suas memórias individuais servem de estudo para a historiografia da cidade. Trabalhar com memórias nessa perspectiva permite a aproximação do historiador com a história do indivíduo comum, já que a principal fonte são as histórias de uma pessoa que estão vivendo situações cotidianas. Porém, como estamos tratando as memórias como representação devemos

nos atentar que por elas são narradas por uma pessoa, o acontecimento é relatado após reflexão e onde tem memória tem esquecimento, desse modo não podemos considerá-las como verdade absoluta.

CRÔNICAS E MEMÓRIAS COMO FONTES PARA A HISTÓRIA DA CIDADE

Crônica tem como um dos seus significados, segundo o dicionário, “compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão do tempo” (OXFORD LANGUAGES, 2021). O tempo é central na composição desse gênero literário, e essa característica é a mais importante quando queremos nos aprofundar sobre memória da sociedade e da cidade.

A crônica é uma narrativa literária curta, objetiva, trata na maioria das vezes sobre situações cotidianas e por isso foi difundida nas folhas de jornais, o que faz com que aparenta ter um curto tempo de vida, já que esse meio de comunicação é feito para ser constantemente atualizado. Essas características a faz parecer como um gênero menor, porém quando se percebe que ela não é feita para ser grandiosa e sim contar de forma leve e humorada sobre situações miúdas do dia-a-dia, enxerga-se o potencial dessas histórias.

O autor parece fundir-se em um tecido urbano que permaneceria inextricável se ele não desse nomes que, de uma maneira encantatória, evocam cidades conhecidas. O movimento de sua descrição, ao ritmo de sua observação detalhada, permite ir-se representado no pensamento do leitor toda a vida cotidiana em sua realidade imediata. (...) Cada situação surge e depois desaparece, cada visão da cidade delinea-se de acordo com uma realidade que advém, que marca, que capta e que se esvai em seguida dentro da noite dos tempos (JEUDY, 1998, p. 90-91)

Antônio Cândido (2003) diz que a crônica é o relato da vida do rés-do-chão, e isso a torna algo íntimo, fácil do público se identificar, já que ela se relaciona com a vida de qualquer um. E nesse contexto Pesavento (2004) à considera uma literatura sensível ao tempo e por isso estaria na fronteira entre a literatura e a história, abrindo assim as possibilidades de inventar o passado, explicar o presente e construir o futuro.

Pesavento (2004) trata do valor documental da crônica, explicando que o cronista, ao contar sobre suas vivências, mostra ao historiador a temporalidade da escrita, através dos textos sobre práticas sociais e cotidianas, o que parece banal, nos apresenta um passado sensível. As narrativas permitem o contato com o que chamava atenção, as preocupações, os costumes e a forma de viver de uma determinada época, e como Pesavento (2004) ainda explica tem-se que atentar para o que está escrito e o que está implícito pois as situações relatadas muitas vezes são resultado de um contexto social, político e econômico determinante para aquele momento.

O contato com essas sensibilidades é o que gera o interesse em trabalhar a literatura como fonte de pesquisa para a história, porém, ao tratar da fronteira entre essas duas disciplinas, deve-se atentar pelas características da representação, pois nesse contexto, o descrito na literatura é um reflexo da realidade através da vivência do autor. Rosele Feil (2009) explica a diferenciação entre a literatura e a história dizendo que:

A literatura é um produto da imaginação criadora. Diferente mente da literatura, a história é uma atividade racional de conhecimento e interpretação do passado, utilizando-se de toda aparelhagem técnica e conceitual, fornecida por diversas ciências auxiliares. Seu objeto é o fato histórico acontecido

precisamente num determinado tempo e lugar. Não podem fugir do fato e a ele se dirigem através de documentos escritos ou monumentais os vários testemunhos da ação humana através dos tempos e dos lugares. (FEIL, 2009)

Ainda sobre essa conexão entre literatura e história, principalmente tratando da crônica que tem o tempo como característica importante, Paul Ricoeur (1997) fala do papel mediador do imaginário já que os escritos sobre um tempo passado são feitos através da memória, que como representação não são exatamente fiéis aos fatos, estando assim na no limite entre a realidade e ficção. O autor complementa explicando que “a história se serve, de algum modo, da ficção para refigurar o tempo e, por outro lado, a ficção se vale da história como mesmo objetivo” (RICOEUR, 1997, p. 329), e conclui falando que a sobreposição deste tempo real da história e o tempo da ficção criado a partir do imaginário, resulta em um tempo humano.

Utilizar as memórias presentes nas crônicas como fonte de pesquisa, é buscar esse tempo humano. Essas situações narradas, mesmo sendo verdadeiras, são manipuladas pelo autor, pois a memórias é feita de esquecimentos, sentimentos, imprecisões e escolhas.

Se a memória é trabalho deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi” e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é a imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça uma lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 55)

Ter o contato com a memórias da cidade através das crônicas, traz uma sensação de recuperar o irrecuperável. A velocidade cada vez mais acelerado das mudanças nas cidades e sociedade, faz parecer que as vivências são efêmeras e que todo o passado será esquecido. As narrativas dos cronistas permitem um retorno ao um tempo e um espaço que não existe mais, mas que foram de importância para um grupo da sociedade, como o antropólogo memorialista Joël Candau (2016) diz “A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança” (CANDAU, 2016, P. 15).

Essa importância dos registros da memória, em crônicas por exemplo, é ressaltado pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1990), que chama de memória histórica. Segundo ele, a memória é seletiva, já que ela só vai tratar dos acontecimentos marcantes para o grupo específico, e elas são dinâmicas pois se mantêm vivas enquanto aquele grupo a qual elas pertencem às mantêm ativas, no momento que os grupos vão mudando com o passar do tempo, as memórias coletivas também vão se renovando. A única forma para preservá-la é através do registro, o que permite que ela possa ser é algum momento consultada e revivida:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhe são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS, 1990: 80-81)

Os registros podem ser feitos por meio da escrita, da fotografia, filmes, música e etc, porém deve-se atentar que no passado apenas os grupos sociais que possuem o

privilégio de fazer esse registro é que conseguem que suas memórias sobrevivam por mais tempo. Desse modo ao trabalhar com a memória, deve-se atentar para época e para quem a está relatado e assim presumir que a memórias mais resistentes ao tempo indicam expressão de poder, o historiador Maurício de Abreu (1998) explica esse fato através dos estudos de Le Goff (1990):

Como bem lembrou Le Goff (1990), as classes mais poderosas não apenas construíram objetos mais duráveis, como foram também as criadoras das próprias instituições de memória, não raro estabelecidas exatamente para guardar as lembranças que aqueles que as instituíram consideravam importantes. Por essa razão, os documentos que se encontram nessas instituições, e que são também invariavelmente utilizados como fontes ou atestados de "memória urbana", são, eles também, expressões de poder. (ABREU, 1998, P. 86)

Essa discussão reforça a importância da literatura, inclusive das crônicas, para a preservação da memória de um autor e até de uma cidade, como acontece com as crônicas sobre o cotidiano urbano. Porém deve-se atentar para questões como o contexto histórico, quem é o autor, qual é o grupo social que ele frequenta, qual o meio de divulgação do trabalho, e quem é o público por exemplo. Assim, pode-se fazer uma leitura mais crítica dessas memórias.

Para entender como trabalhar com essas histórias e interpretar essas memórias narradas nas crônicas usaremos os estudos de Antônio Cândido (2006) sobre literatura e sociologia, como base. Em seu trabalho o autor, que é um intelectual dos estudos literário, debate sobre como trabalhar com a obra literária com o olhar específico para os aspectos sociais.

Candido (2006) esclarece como interpretar a narrativa literária como fonte de pesquisa. Ele explica que deve ser feita uma interpretação dialética, isto é, deve-se considerar o diálogo entre dois fatores: o externo e o interno. O externo seria o social, "Cabe-lhe, por exemplo, pesquisar a voga de um livro, a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as idéias, a influência da organização social, econômica e política etc." (CANDIDO, 2006, P.14) E o interno estaria ligado ao valor estético artístico da obra. Porém, o sociólogo enfatiza que existe um diálogo entre esses dois fatores, e acaba que o fator externo também seja levado a ser um fator interno da narrativa.

Candido (2006) explica que para se aproximar da interpretação dialética devem ser feitas duas perguntas: "Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? E qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?" E para responde-las, a primeira tarefa seria investigar a influencia os fatores socioculturais:

É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão (CANDIDO, 2006, P. 31)

E a partir daí entende-se primeiramente que toda a leitura deve ser feita com o olhar para três elementos: a obra, o autor e o público e como eles influenciam um ao outro. A partir daí iremos trabalhar com a obra "Ontem Vestido de Menino" de Augusto Severo Neto como fonte de estudo dessa pesquisa

A MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DE NATAL NAS CRÔNICAS DE AUGUSTO SEVERO NETO

Este artigo quer mostrar como a literatura, mas especificamente as memórias narradas em crônicas, podem ser uma fonte de pesquisa para a história urbana e uma forma de contribuir para a preservação da memória da cidade, e para isso iremos fazer uma discussão sobre a obra “Ontem Vestido De Menino” do cronista Natalense Augusto Severo Neto. Para o aprofundamento na leitura, usaremos como base a discussão de Antônio Candido (2006) apresentada anteriormente, relacionando com a narrativa das crônicas e com a cidade de Natal e o contexto histórico da época.

As crônicas reunidas nesse livro, foram inicialmente escritas e publicadas em jornal e trazem as memórias do autor, falam sobre a infância e adolescência nos anos 1920, 1930 e 1940 (aproximadamente, pois as datas não são informadas de forma precisa nas crônicas) sobre a vivência na cidade de Natal, descrevendo e contando histórias sobre as ruas, bairros, e lugares que frequentava e sobre quem encontrava em sua vida na cidade.

As crônicas se passam nas primeiras décadas da república brasileira, na primeira metade do século XX, que tem como uma de suas marcas o processo de “modernização” urbana que atingiu principalmente os grandes centros urbanos como São Paulo, Recife e Rio de Janeiro. Foi a época quando, inspirado pelos polos internacionais como Paris e Nova York, prevalecia um ideal de “civilidade”, e desenvolvimento tecnológico e cultural, como discute Raimundo Arrais (2008) em seu livro sobre o tema. Natal, ainda uma cidade pequena principalmente quando comparada as grandes capitais do país, também absorvia, através da sua elite, a vontade de modernizar.

E é essa Natal que Augusto Severo relata em suas crônicas. Segundo o jornalista Gustavo Sobral, o autor é descendente da família Albuquerque Maranhão, “linhagem de política, poder e posses no estado do Rio Grande do Norte” (SOBRAL, 2017, P. 262). Foi piloto, viajante, jornalista, poeta, cronista e professor, desse modo percebe-se que pertencia a uma elite econômica e intelectual da cidade e então deve-se considerar que suas memórias estão diretamente relacionadas às atividades e vivências dessa classe social natalense.

Até os sonhos loucos serão matéria do improvável. Severo Neto é um contador e chama o leitor para uma conversa como se pusesse a contar uma experiência em que se fundem páginas de um diário, lembranças, memória e autobiografia. O leitor pode acompanhar um dia ou um sonho e todas as impressões que pode colher de cada um deles. A crônica de Severo será puramente centrada na sua experiência pessoal e nas suas impressões, são registros de instantes, do momento vivido, como se dispusesse aquilo que vê, escuta, pensa ou sente no momento, por isso as feições de um diário literário. (SOBRAL, 2017, P.7)

As narrativas das crônicas se passam em dois bairros, Ribeira e Cidade Alta, e predominantemente nas ruas Av. Junqueira Aires da Cidade Alta, onde o autor morava em sua infância, e a Rua Doutor Barata da Ribeira que era uma rua comercial de alto padrão, onde tinham lojas de roupas, livraria, ótica e joalheria. Era onde a família do autor tinha um escritório, e por isso ele fala com muito afeto e proximidade de todos os comerciantes da rua.

E eu vesti de repente calças curtas, reassumi os meus quatorze anos e resolvi dar um passeio de saudade pela Av. Junqueira Aires do meu tempo de ontem. Saltei do muro do coreto da praça Augusto Severo, onde estava sentado, ouvindo uma história contada por Nicanor lá do teatro e comecei a subir devagarinho a ladeira. Passei pelo portão de

tia Inezinha e olhe lá para dentro. Ela estava, como sempre, sentada na cadeira de balanço, no patamar da escadaria de entrada, com seu chale branco e seu terço. Marinete, a cadela, deitada bem ali junto e rindo como sempre. Sim, porque marinete era uma cadela que ria. (SEVERO NETO, 1985, P. 17)

E a velha Doutor Barata continua cheia de lirismo e de história. o seresteiro diria que ela é até um pouco a "residência da saudade", do mesmo jeito que, para os mais novos, outras ruas, outros becos e outras praças se transformarão, com o passar do tempo, em moradias de recordações e até em românticos roteiros de ausências. (SEVERO NETO, 1985, P. 69)

Hoje ao andarmos por essas ruas o que encontramos é uma rua de equipamentos culturais e institucionais, que é o caso da Av. Junqueira Aires que hoje se chama de Av. Câmara Cascudo. E na Rua Dr. Barata, que era tão movimentada e cheia histórias, realmente só restou a saudade, já que a maioria dos prédios estão fechados em estado de abandono.

Figura 1: Av Junqueira Aires no passado e no presente (Hoje Av. Câmara Cascudo)



Fonte: Google maps/ nataldasantigas.com.br

Figura 2: Rua Doutor Barata no passado e no presente



Fonte: Google Maps/ nataldeontem.com.br

Além do que acontecia nessas ruas, os costumes sociais da população são relatados em todas as crônicas, principalmente quando se trata do vocabulário do natalense da época, o que apresenta um pouco sobre o que essa classe social valorizava e como a “modernização” chegava em Natal. Por exemplo, o café frequentado na Rua Tavares de Lyra tinha “moldes dos antigos e populares cafés lisboetas” (SEVERO NETO, 1985, P.103), em uma crônica o autor comenta que a cidade era “cheia dos *mots, allures, maximes* e *moeur*, segundo ele era chic falar francês, fazer citações de poetas e escritores franceses e portar sobre si qualquer coisa que sugerisse a eterna *Lutécia* ou qualquer outra região da velha França” (SEVERO NETTO, 1985, P.105).

Ainda sobre os costumes desse grupo social, e o processo de modernização dessa época, faz parte das narrativas os relatos sobre as atividades sociais e culturais do período. O cinema Polytheama que dividia as sessões entre *matinéés* e *soirées*, onde as mulheres se vestiam de melindrosas, usavam fitas de veludo no cabelo e pendentif no pescoço. Os rapazes e senhores usavam calças de flanela, paletó listrado, com lenço no bolso e sapatos de duas cores.

Figura 3: Cinema Polytheama



Fonte: tipicolocal.com.br/

O *footing* na Ribeira era uma atividade que acontecia no mês de maio, era quando mulheres e homens desfilavam nos espaços públicos com suas melhores roupas também com influência estrangeira e até incompatíveis com o clima local. Segundo o autor as mulheres usavam vestidos de melindrosas, com meias de seda e seus sapatos alto e grossos, semelhantes aos das dançarinas de flamengo. E os homens vestiam seus melhores ternos, duques ou jaquetões, ou blazers de mescla inglesa, cinza chumbo, com calças pretas.

Figure 4: Praça Augusto Severo (Bairro da Ribeira)



Fonte: nataldasantigas.com.br

Além disso, as crônicas contam sobre o teatro Carlos Gomes que era outro lugar de atividades sociais para a elite da época. Na crônica sobre o teatro o autor comenta que no Carlos Gomes tinham lugares reservados para os políticos da época, e que os frequentadores usavam roupas muito arrumadas para assistir as apresentações:

Nos seus camarotes se sentaram governadores, ministros e presidentes; nas frisas e poltronas de sua sala de espetáculos, no seu átrio de espera e no seu jardim, onde ainda pontifica a bela índia de bronze, encimando a coluna, desfilaram damas, "demoselles" chiques, com longos vestidos de sedas e rendas, com leques de madre pérola e jóias caras, e elegantes cavalheiros de casaca, fraque ou "smoking"; à sua entrada pararam cleças, fiacres e luxuosos carros antigos importados. (SEVERO NETO, 1985, P.136)

A tecnologia ainda muito precária é outra temática presente nas crônicas, uma das crônicas chamada de "Ontem vestido de menino XX- A agência Pernambucana", o autor conta sobre uma difusora de rádio chamada de "Indicador da Agência Pernambucana", era improvisada e foi montada por um dos moradores da cidade que instalou em todos os lugares projetores de som holandeses. Pela a descrição de Severo Neto, era um importante meio de comunicação entre as pessoas da cidade e atendia a vários tipos de demanda:

A difusora "Indicador da Agência Pernambucana" mantinha ainda, gratuitamente, um serviço de anúncios classificados, como Luiz denominava, que prestou incalculáveis serviços à cidade, então ainda de tons provincianos. Se alguém precisava de uma doméstica, dirigia-se ao "indicador", que fazia o anúncio, dando o endereço, condições etc, comprometendo-se ainda a levar a candidatura até a casa do interessado, sem nenhum ônus para este. E tinha mais: uma pessoa

de outro estado ou de outra cidade, chegando aqui em Natal e desejando encontrar alguém cujo endereço não conhecia, era só dirigir-se à difusora "indicador" que esta se encarregava de afastar os obstáculos e promover o encontro. No governo de Raphael Fernandes, os visitantes ilustres usavam o "indicador" para saudar o povo e para fazer suas despedidas [...]. (SEVERO NETO, 1985, P.94)

Por fim, os bondes elétricos, que foram símbolo do processo de modernização das cidades brasileiras. Eles foram implantados em Natal em 1911 e substituição dos bondes puxados à tração animal, o cronista conta que os bondes elétricos chegaram junto aos telefones e a iluminação pública, e conseguiam atender os bairros do Alecrim, Tirol, Petrópolis e Areia Preta.

Com o passar dos anos, eu e o bonde adquirimos uma grande intimidade. Chegava a sofrer com eles (se não participava do troco), quando, na subida da Junqueira Aires de frente ao Atheneu, os estudantes passavam sabão nos trilhos e os coitados ficavam partinhando no mesmo lugar, sem conseguir chegar no fim da ladeira. Tinha aquelas vezes que, do motoneiro e, a nove pontos e muitos gritos, víamos passar as mangubeiras da antiga Jundiá, ainda sem calçamento e as poucas construções da Hermes da Fonseca, entre as quais os corcoveava que só montanha russa e, aqui e ali, a lança saltava e a gente tinha que recolocar no lugar. (SEVERO NETO, 1985, P. 139)

Figure 5: Bonde elétrico no Bairro da Ribeira



Fonte: www.nataldasantigas.com.br/

Os bondes eram de difícil manutenção e por problemas de gestão a cidade quase perdeu o acesso a essa tecnologia que ainda estava chegando, porém percebe-se pelo relato do autor como a importância da implantação do bonde elétrico e a relação ainda provinciana da população com essa tecnologia.

CONCLUSÃO

Percebe-se que a aspirada “modernidade” chegava de forma tímida em Natal. Os espaços culturais ainda eram poucos, o único cinema possuía só dois horários de funcionamento, e o bonde elétrico tinha dificuldade de funcionamento, por exemplo. Porém a inspiração na “civilidade” europeia aparecia principalmente nos costumes sociais, na forma de se vestir e de se comunicar da população. E apesar disso era uma cidade pequena, em que todos se conheciam, se andava muito a pé e os bondes alcançavam poucos bairros.

Trabalhar com resgate de registros de memórias como fonte da história da cidade é ter acesso à um passado que fisicamente já desapareceu, mas que ainda consegue ser revivido através das palavras. Augusto Severo Neto era jornalista e publicou inicialmente essas crônicas em sua coluna no jornal. Ele escrevia para pessoas do mesmo grupo social que ele, e desse modo seu público provavelmente se identificava com as histórias, e através delas puderam recuperar as próprias memórias.

A relação entre o contexto histórico da época e através da obra que ele deixou, conseguimos resgatar com a sensibilidade da sua escrita relatos sobre o passado da cidade de Natal, sobre os lugares que desapareceram da paisagem da cidade, mudaram seu uso ou estão em estado de abandono. O autor mesmo em momentos de suas narrativas, lamenta que alguns lugares já tinham sido perdidos no espaço de tempo entre quando aconteceram as histórias e quando ele escreveu, como por exemplo quando ele escreve sobre o café “Cova da Onça” e o bar “Wonder Bar”:

E o tempo se encarregou de apagar mais esse marco notável da história política da nossa cidade e do no nosso estado: o café "cova da onça" velho casarão, nos moldes dos antigos e populares cafés lisboetas. dele ficou apenas um ditado que ainda hoje se repete pela cidade: " conversa fiada foi o que fechou o Cova da onça". (SEVERO NETO, 1985, P.92)

Onde há a preservação da história? Onde anda o patrimônio? Onde andam os homens que cuidam disso? Não será certamente, dentro das ruínas do 106 da rua Chile. (SEVERO NETO, 1985, P.136)

Talvez o autor não imaginasse, mas com a discussão aqui levantada é evidente a possibilidade que a literatura traz para contribuir para preservação da memória da cidade (e conseqüentemente dos seus lugares de afeto), mostrando a urgência em expandir os estudos da história cultural urbana para que mais memórias sejam resgatadas e enriquecer o debate sobre patrimônio e história da cidade.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O Corpo e a alma da cidade: natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008. ARRAIS, Raimundo. O mundo avança: os caminhos do Progresso na cidade do Natal no início do século XX. In: BUENO, Almir (Org.). *Revisitando a história do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 2009.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVINO. Italo. *Eremita em Paris- Páginas autobiográficas*, Companhia das Letras, 2006.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016, 219p.

CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Unicamp, 1992 p. 9-132

_____. *A Vida ao Réis do chão*. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. Pp. 89-99

_____. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006. 9ª edição.

CRÔNICA. *Dicionário Oxford Languages*, outubro de 2021. Disponível em <[http:// languages.oup.com/](http://languages.oup.com/)>. Acesso em novembro. 2021

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidades*. História Oral (Rio de Janeiro), São Paulo, v. 6, p. 9-26, 2003.

FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

FEIL, Roselene Berbigier. *Dois olhares sobre o mesmo tema: diálogos interdisciplinares entre história e literatura no romance Incidente em Antares*. Espéculo. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid. Disponível em <<https://webs.ucm.es/info/especulo/numero43/antares.html>> Acesso: novembro 2021

GORELIK, Adrian, *Cultura urbana sob novas perspectivas – entrevista de Ana Castro e Joana Mello*, Novos Estudos, Cebrap, São Paulo, n. 84, 2009, pp.235-49.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JEUDY, Henry-Pierre. *Espelho das cidades*. S.l: Casa da Palavra, s.d. pp. 81-157

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

MEDEIROS, Gabriel Leopoldino Paulo de; DANTAS, George Alexandre Ferreira; FERREIRA, Angela L. A. . *A cidade sobre trilhos: o bonde e as transformações urbanas de Natal*. In: Horacio Capel, Vicente Casals, Domingo Cuellar. (Org.). *La electricidad en las redes ferroviarias y la vida urbana: Europa y América (siglos XIX-XX)*. 1ed.Madri: Fundación de los Ferrocarriles Españoles, 2012, v. , p. 1-26

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2012

_____. *Abertura: Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História - Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, 53, jan.-jun., 2007.

_____. *Crônica: fronteiras da narrativa histórica*. História Unisinos, São Leopoldo/RS, v. 8, n. 10, jul/dez 2004.

RICOUER, P. *O entrecruzamento da história e da ficção*. In: Tempo e narrativa: Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

RODRIGUES, Maria Isabel Gomes. *A Crônica entre o Jornal e a Cidade: Uma Mediação do Espaço Urbano*. V Congresso Nacional de História da Mídia, São Paulo, 2007

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROLNIK, Raquel, *História urbana: história na cidade?* In Cidade & História (org.) Ana Fernandes e Marco Aurélio A. de F. Gomes. Salvador: UFBA/Faculdade de Arquitetura. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, ANPUR, 1992

_____. *O que é a cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203)

SEVERO NETO, Augusto. *Obras inéditas / Augusto Severo Neto*. – Natal, RN: EDUFRN, 2017

SEVERO NETO, Augusto. *Ontem vestido de menino*. Natal/RN: Nossaeditora, 1985

SOUSA, Rebeca Grilo. *Da cidade colonial à metrópole modernizada: Lima Barreto e as reformas urbanas do Rio de Janeiro no início do século XX*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013

_____. *Escombros e vestígios: os debates sobre os arrasamentos nas reformas urbanas das cidades brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo e Recife no início do século XX)*. 2016. 208f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. *Os nomes da cidade no Brasil colonial. Considerações a partir da capitania do Rio Grande do Norte*. Mercator (UFC), Fortaleza, ano 2, n. 3, p. 53-60, 2003